

Vestuário infantil: as concepções da moda adulta que influenciaram na sua evolução

Livia Marsari Pereira (UTFPR/ UNESP)
Raquel Rabelo Andrade (UTFPR/ UNESP)

Introdução

A concepção e utilização do vestuário infantil sofreram variações significativas ao longo da história da humanidade. Os segmentos do vestuário infantil e adulto percorreram, em diversos momentos, caminhos evolutivos bastante convergentes ao longo da evolução da indumentária. Desde os primórdios a palavra infância carrega consigo sentimento de incapacidade e de incompletude perante os mais experientes.

Essa visão refletia-se no vestuário, onde os infantes eram vestidos como homens e mulheres de sua condição. As primeiras reações para que as roupas se tornassem mais leves e com uma conotação infantil partiram de alguns filósofos entre os séculos XVI e XVII. Desde então, o vestuário infantil passou a ser concebido com configurações adequadas para esse segmento da sociedade, porém, a moda adulta nunca deixou de refletir na criação dos trajes para crianças.

Desta forma, este trabalho tem por escopo a reflexão entre o processo de evolução histórica dos trajes infantil e adulto, realizando para tanto um paralelo comparativo no qual busca-se apresentar a fundamentação e o contexto histórico das divergências e convergências expostas.

Portanto, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica a partir de tópicos como a evolução histórica do vestuário infantil e adulto que serão aqui abordados a partir das obras de: Lurie (1997), Ariès (1981), Tambini (1999), Stevenson (2012) e Boucher (1996).

Desenvolvimento

A percepção de infância e algumas noções de como as crianças eram vistas e tratadas passaram por transformações ao longo da história. Não há contestações que os indivíduos nascem bebês e serão crianças até um determinado período da vida. Porém tal visão nem sempre foi concebida dessa maneira e ao longo dos anos houve questionamentos acerca de quem era a criança e qual o tempo referente à infância.

A palavra infância, em sua etimologia carrega consigo sentimento de incapacidade perante os mais experientes, conferindo-lhes uma posição subalterna diante dos membros adultos, sendo vista como um ser anônimo, sem um espaço determinado socialmente. Verifica-se que essa concepção está relacionada com seu significado, nesse sentido Faria (1956, p.496) explica:

Da partícula negativa latina in, 'não', usada como prefixo, e do latim fans, fantis, particípio presente de fari, 'falar, ter a faculdade da fala', forma-se o adjetivo latino infans, infantis, 'que não fala, que tem pouca idade, que é ainda criança'. O adjetivo infantil, 'que diz respeito a crianças, infantil', e o substantivo infantia, 'incapacidade de falar, dificuldade em se exprimir, meninice, infância', são derivados latinos de infans, infantis.

Essa concepção de infância conforme Ariès (1981) é relacionada à criança até os sete anos de idade. Até essa idade os infantes acompanhavam os adultos em todas as atividades, não havia ninguém especialmente destinado a cumprir a tarefa de educá-la. Após essa fase a criança passava a ser tratada como adulto e ter uma vida de trabalho e responsabilidade como tal. Ariès (1981) afirma que até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim pessoas de tamanho reduzido.

O relacionamento entre adultos e crianças era sem discriminações, falavam vulgaridades, realizavam brincadeiras grosseiras e todos os tipos de assuntos eram discutidos na sua presença. Segundo Ariès (1981, p.18) acreditava-se que a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança era logo perdida e que não existia uma inocência pueril nesse período da vida.

Por não existir sentimento diferenciado do ser criança, eram vestidas com roupas com as mesmas características das dos adultos tornando-os com a aparência

10.4025/6cih.pphuem.456

semelhante a uma versão miniatura. Ariès (1981, p.32) completa essa idéia afirmando que “assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição”. Essas características podem ser acompanhadas na Figura 1.



Figura 1 - Crianças vestidas como adultos. “The Painter and his family” de Cornelis de Vos, 1621

Fonte: Boucher (1996)

A concepção e percepção da criança como categoria social, dotada de uma representação, é sentida a partir dos séculos XVII e XVIII. Heywood afirma que:

A “descoberta” da infância teria de esperar pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, “uma espécie de quarentena”, antes que pudessem integrar o mundo dos adultos (HEYWOOD, 2004, p.23).

Desta forma, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância antes de ingressar no mundo deles. Ficaria na “quarentena”, que seriam as escolas. A escola passou a substituir a aprendizagem obtida empiricamente pela observação dos mais experientes transformando-se em um dos artifícios de preparação das crianças para a convivência social e da vida adulta e o mais importante, dentro dos padrões morais estabelecidos.

Nesse contexto de mudança, a infância passava a ocupar um lugar social diferente, deixando seu lugar de resíduo da vida comunitária, como parte de um grande corpo coletivo. Nesse momento a criança começa a ser percebida como um ser inacabado, carente e, portanto, individualizado, produto de um recorte que conhece nela a necessidade de resguardo e proteção (NARODOWSKI, 2001).

A separação da criança do adulto encontrou nas roupas um modo de expressão, com a criação de trajes mais leves e que proporcionassem liberdade de movimento. Assim a criança, ao menos de boa família, não era mais vestida rigorosamente como os adultos, revelando uma preocupação antes desconhecida. Ariès (1981, p.38) explica que:

A adoção de um traje peculiar a infância, que se tornou geral nas classes altas a partir do fim do século XVI, marca uma data muito importante na formação do sentimento infância, esse sentimento que constitui as crianças numa sociedade separada das dos adultos (ARIÈS, 1981, p.38).

As primeiras reações para que as roupas tornassem-se mais leves e com uma conotação infantil partiu dos filósofos que, com vistas à construção de uma nova sociedade, preconizavam o amor maternal e a integração da criança na família como essenciais. Jean Jacques Rousseau, por volta de 1762, começou a combater as vestimentas que não davam liberdade às crianças, teoria que tinha apoio de educadores, médicos e filósofos. Este movimento, lentamente, influenciou a adoção de tecidos leves e cores mais claras.

Porém, é possível perceber que mesmo com a criação de trajes adequado a fase da infância, as peças ainda sofriam influências diretas das formas e estruturas das roupas dos adultos. Essa premissa pode ser verificada na Figura 2.



Figura 2 – Crianças vestidas com roupas mais simples e folgadas porem acompanhando a moda adulta. “The Nathanson Family” de C. W. Eckersberg, 1818
Fonte: Boucher (1996)

Simon (1999) explica que outra tentativa aparente de dar conotação infantil à roupa das crianças pode ser percebida na literatura, Lewis Carrol, em 1865, em seu livro Alice nos Pais das Maravilhas, sugeriu um traje para uma menina dotada de espírito e de inteligência. O traje deixava livres seus movimentos e, sua aparência, desprovida de qualquer futilidade. Com vestidos simples, leves, soltos e com poucos acessórios, criou uma personagem modelo, que serviria de inspiração para as meninas do século seguinte, ou seja, somente no século XX, as roupas infantis apresentaram mudanças favoráveis aos seus usuários.

Essa nova aparência começou a manifestar-se quando túnicas usadas por meninos começaram a ser substituídas a partir de 1860 por diversas combinações de jaqueta e calças e as meninas ao invés de espartilhos e armações, passaram a usar batas de musselina simples, decotadas e confortáveis (LURIE, 1997).

Lurie (1997) acredita que a adoção de calças compridas para os meninos foi em grande parte em consequência da adoção do traje de marinheiro que foi introduzida no final do século XVIII nas escolas que treinavam rapazes para a marinha, a versão feminina substituíva a calça comprida ou curta por saia. Embora os trajes de marinheiro existissem havia décadas, eles ganharam destaque no início do século XX, tornando-se cotidiano tanto para meninos quanto para meninas da classe média. Lurie (1997), completa sua argumentação mencionando que esses trajes

10.4025/6cih.pphuem.456

não se limitavam em ser usados à beira-mar, eram praticamente o padrão da classe média no começo do século XX. A Figura 3 mostra o traje marinheiro infantil, inspirado nos uniformes de marinheiros, Figura 4.



Figura 3 - Criança vestida com traje de marinheiro, 1900
Fonte: Tambini (1999)



Figura 4 – Uniforme de marinheiro, 1894
Fonte: Library of Congress (2013)

Com o desenvolvimento das ciências humanas e a conseqüente compreensão acerca desse período da vida humana, a noção de infância, passou pelo crivo dos

10.4025/6cih.pphuem.456

conceitos técnicos e científicos. Esse pensamento foi respaldado e analisado pelos diferentes campos do saber.

As concepções científicas sobre a infância conduziram a uma maior respeitabilidade desta etapa da vida pela sociedade. O ápice dessas transformações deu-se na década de 1950 com surgimento de novas fibras artificiais, de tecidos que não amarrotavam e de fechos mais simples para as roupas. A revolução ainda contou com o advento da produção em massa, quando as roupas tradicionais, feita à mão, foram universalmente substituídas pelos trajes de confecção industrial (TAMBINI, 1999).

Como pode ser percebido comparando as Figuras 5 e 6 a pesar das novas tecnologias conquistadas as roupas infantis continuam a seguir a mesma proposta da moda adulta. No vestuário das meninas fica mais evidente essa ligação e no dos meninos percebe-se que segue a mesma estrutura social da peças.



Figura 5 – Roupas para meninos e meninas, 1950
Fonte: Tambini (1999)



Figura 6 – Roupas para homens e mulheres, 1950
Fonte: Stevenson (2012)

O vestuário infantil das últimas décadas revela que não há um estilo único que defina as peças para crianças exclusivas desse período. Principalmente a partir da década de 1990 que a influência da televisão e internet sobre essas roupas intensificaram-se, produzindo assim uma disseminação de estilos.

Conseqüentemente o número de fabricantes que se dedicam exclusivamente à moda infantil multiplicou-se, trazendo um espaço reservado ao mundo infantil na moda. Nesse sentido Bezerra e Waechter (2008, p.2549) afirmam “a exploração da mídia e a valorização do consumo, cada dia abrem novas oportunidades para o mercado da moda, e as peças criadas para as crianças não fogem a regra”.

Atualmente existem roupas infantis com características exclusivas do universo das crianças, explorando cores, modelagens e assuntos inerentes desta faixa etária (Figura 7). Assim como roupas que acompanham a moda adulta, seguindo as mesmas configurações estéticas, porém considerando aspectos ergonômicos (Figura 8).

10.4025/6cih.pphuem.456



Figura 7 – Roupas para crianças que prezam o universo infantil
Fonte: Zig zig zaa (2013)



Figura 8 – Roupas para crianças que seguem a moda adulta
Fonte: Mini milly (2013)

Considerando o decorrer da história da moda infantil é possível compreender que as peças destinadas as crianças sempre mantiveram relações intensas com o vestuário adulto. Assim, a partir do momento que a infância é compreendida como uma etapa de preparação para a vida adulta, as roupas infantis começam a sofrer adaptações na sua configuração. A ergonomia, a escolha de tecidos e modelagem são fatores que passaram a ser considerados para propor conforto e liberdade de movimentos as crianças.

Considerações finais

O presente trabalho tinha como escopo apontar as convergências e divergências entre vestuários infantis e adultos, buscando analisá-lo sob a perspectiva da sua progresso histórico. Assim, foram levantados os aspectos evolutivos e atuais dos vestuários infantis, visando compreender como as influencias da moda adulta são expressas em peças em peças para crianças.

Percebe-se que, desde os primórdios o vestuário infantil apresentava características dessa similaridade estabelecida, já que as crianças eram vestidas como adultos de sua condição. Apesar de tantas transformações sociais e tecnológicas terem ocorridos desde esse tempo o vestuário infantil manteve a influencia dos aspectos configuracionais do vestuário dos adultos. Porém, entende-se que a partir do momento que a infância foi estabelecida como uma fase da vida diferente das dos adultos, as preocupações com o bem estar passaram a nortear a concepção dessas peças.

Efetuada uma reflexão de forma particular, foi possível compreender que as diferenças nas roupas são um reflexo da sociedade, os trajes evoluem de forma a acompanhar os costumes e tradições de cada cultura. Assim, crianças e adultos utilizam-se das tendências estéticas estabelecidas de cada época para configurar as peças dos seus vestuários.

Pode-se ainda ressaltar que é recente, no universo da moda, a consolidação do vestuário infantil concebidos para necessidades e desejos das crianças. Diante disso, atualmente existe a possibilidade de escolha entre vestir as crianças com roupas com características do universo infantil ou escolher peças que são inspiradas no vestuário adulto.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BEZERRA, M. F.; WAECHTER, H. **Brincando com a roupa um estudo sobre a compreensão do uso de elementos lúdicos na moda infantil**. In Anais 80 congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design. São Paulo, 2008.

BOUCHER, F. **A history of costume in the West**. Thames and Hudson: London, 1996.

FARIA, E. (Org.) . **Dicionário Escolar Latino-Português**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Material de Ensino, 1956.

HEYWOOD,C. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em:
<<http://www.loc.gov/pictures/resource/det.4a14423/>>. Acesso em: 11/03/2013.

LURIE, A. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

MINI MILLY. Disponível em: <minimilly.com>. Acesso em: 13/05/2013.

NARODOWSKI, M. **Infância e poder**: conformação da Pedagogia Moderna. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda**: de Maria Antonieta a Alexander Mc Queen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TAMBINI, M. **O design do século**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ZIG ZIG ZAA. Disponível em: <www.zigzigzaa.com.br>. Acesso em: 13/05/2013.